

e

DE CAMAMU A PORTO ALEGRE

Infelizmente não pude ir ver a posse. Como qualquer dissimulado que se preze, mandei representante. E, um bom representante, que depois, narrou-me tudo de interessante que aconteceu por lá. Não fui por dois motivos: 1) Não tinha grana; 2) Como bom dissimulado e quase anarquista graças a deus preferi usar a grana que sobrou no fim do ano para fazer uma visita a Bahia. Comecei por Salvador, tenho algumas histórias interessantes de lá, mas isso fica prá depois, por ora vou aproveitar para contar sobre minha visita à Península da Maraú, baía de Camamú, costa do Dendê. Pois, afinal de contas, foi lá que tive a idéia de escrever essas mal traçadas, que serviriam para matar alguns coelhos com uma só cajadada:

- 1) Denunciar o perigo que ronda a região da baía de Camamú com a chegada da multinacional petrolífera El Passo;
- 2) Relatar o meu estado de alegria com a chegada de um trabalhador ao poder;
- 3) Externar o estado de graça que fiquei ao conhecer a região, tamanha a sua beleza; e
- 4) Fazer o dever de casa para a professora Ivone da Disciplina Tópicos em Pesquisa II.

Levei um caderninho onde fui anotando tudo que julgava importante para o texto: minhas impressões sobre os lugares onde andava, as conversas com os nativos, etc. etc.

Ao chegar da Bahia acabei conseguindo uma grana para ir até o Fórum Mundial de Educação e Fórum Social Mundial, então, acabei por postergar a redação do texto, afinal Porto Alegre me esperava, rumei para o Sul maravilha, após alguns contratemplos com o mau tempo, malandros e antropófagos tendenciosos perdi a caderneta original de anotações e mais uma vez fui adiando a redação do texto... Acabei por mudar sua concepção original e comecei escrevê-lo tomando por base os fragmentos que sobraram em minha memória nesses quase 40 dias viajando pelo país e que acabaram por coincidir

com o importante momento de nossa história política.

Numa tarde de sábado comecei pelo fim, era dia 01/02/03, após ver uma reportagem onde os combativos roqueiros do Paralamas do Sucesso que lembravam antigos sucessos, dentre eles aquele que citava o hoje presidente Lula: “Luiz Inácio Avisou, Luiz Inácio falou: são trezentos picaretas com anél de dotor.... (dotor fica por minha conta e risco, mesmo que os linguistas não gostem), e por aí vai....” Pois bem: eu que já havia tido inúmeras idéias para colocar nesse texto que de certa forma tinha a pretensão de narrar fatos ocorridos durante o período de transição, acabei por começá-lo pelo fim.

Mas voltemos ao início da história: Ao planejar o roteiro da viagem que fária de ônibus, tomei o cuidado de reservar o dia primeiro a tarde para estar em algum local onde pudesse acompanhar a posse do Presidente Lula pela TV. Consegui. Após uma passagem de ano entre alegres amigos soteropolitanos e soteropolitanas, na ilha de Itaparica, rumei, ao raiar do primeiro dia do ano da graça de dois mil e três, para a cidade de Camamu-BA onde passaria a tarde, pernoitaria e seguiria no outro dia bem cedo para a vila de Barra Grande, paraíso ecológico situado na península de Maraú, Costa do Dendê, litoral Sul da Bahia, cenário vivo e testemunha ocular das aventuras literárias Jorgeamadianas.

Tudo corria como planejado, fiz alguns amigos em Camamú e assisti de pé, em uma farmácia, ao discurso de posse do metalúrgico-presidente; juro que não sabia se chorava ou sorria de alegria, embora tenha ficado preocupado em determinados momentos com a coragem e ousadia presidencial ao se expor, de forma nunca vista, ao assédio popular. Na manhã seguinte, tomei o barco que me levaria a Barra Grande e comecei a me dar conta da infinidade de problemas e da imensidão de cascas de jaca deixados pelos bicudos do tucanato (que nesse exato momento batiam em revoadas para Paris) para o governo que acabara de assumir.

Só para começar: no barco tive o prazer de conhecer o capitão Manoel da embarcação de nome Força das Águas II a quem indaguei sobre como andava o processo de extração de gás natural na baía de Camamu. O que ele me disse merece de qualquer repórter ou rede de televisão sensata desse país um

trabalho jornalístico investigativo que certamente poderá até render um prêmio. Não sou jornalista, nem escrevo para nenhum órgão de imprensa, mas tentarei alertar aos que por esse texto se interessarem... O caso é grave e merece que qualquer governo que pretenda ser soberano, no mínimo a revisão das cláusulas contratuais, isso prá não dizer que o contrato deveria mesmo é ser rasgado, mesmo desconhecendo a sua íntegra, que perdoem-me os juristas mas as vezes a indignação rompe o peito e não dá pra ficar pensando nessas coisas de cláusulas, contratos e ordem jurídica estabelecida. Prá corroborar com o que estou dizendo recorram ao mestre Bautista Vidal que a tempos vem tentando alertar a nação do poder que insistem em sucumbir abaixo do Equador não deixando que cientistas brasileiros e nacionalistas desenvolvam a energia renovável da biomassa... Coincidentemente por alí, bem naquela região o dendê é nativo, e poderia, se pesquisado e explorado adequadamente, fazer mover motores de ciclo diesel e trazer riqueza renovável para seus nativos e para o Brasil.

Continuando: Não vou nem falar nos riscos de desastres ambientais naquele pedaço de paraíso terrestre, pois, conforme relato de alguns surfistas locais isso já vem ocorrendo com danos para a pesca e com o vazamento de parafina ocorrida recentemente na região, por enquanto é parafina e depois???

Terminando: Se isso não bastasse, o turismo predatório começou a aportar por lá trazendo danos ambientais, violência e outras cositas mais, tais como: paulistanos insensatos e outros urbanóides que insistem em levar para onde quer que vão o seu modo de vida citadino, que não combina definitivamente com paraísos ecológicos... Fica aqui um alerta aos nativos!!! Cuidado com esses urbanóides!!! Venham de onde vier.

Como estou terminando esse texto em fevereiro e para justificar o título vou continuar falando um pouco de algumas experiências interativas em Porto Alegre, que na segunda quinzena de janeiro transformou-se na trincheira principal na luta contra aqueles que se julgam donos do mundo, só por que controlam toneladas e toneladas de papel pintado e as fazem circular ao redor do mundo, comprando tudo que podem sobretudo corações e mentes, infelizmente. Mas, saibam senhores, ainda

há aqueles que gritam, esperneiam, gemem, lutam e sonham....

Entretanto, nessa trincheira combativa com palco em Porto Alegre nem tudo correria tão bem. Em meio aos debates, discussões, oficinas e buscas de caminhos para um mundo mais solidário, observamos também que muitas vezes entre aqueles que querem manter a ordem estabelecida e entre os que dizem lutar por um mundo diferente, quase sempre a luta pelo poder inter e entre organizações políticas, públicas, não governamentais, etc etc. acaba por conduzir a um processo antropofágico interno, teoricamente sustentado em antigos paradigmas revolucionários, ou não, que são tomados para justificar um processo auto-destrutivo que nada mais é que o resultado da luta insana pelo poder, onde quer que ele possa ser exercido. Isso para não falar de brigadianos a cavalo no meio da multidão, enquanto a malandragem, como dizem na minha terra: “lavava a jega” roubando carteiras, óculos, dinheiros e outras bugigangas de congressistas desavisados e indefesos. Parecia coisa de governantes e comandantes militares imbecis e pouco preparados, querendo fazer cena para a grande mídia.

Mas também tem o lado bom, e, isso fica por conta da alegria e irreverência dos jovens de todas as idades e todas as partes do mundo para os quais o poder não é um fim em si, mas um meio efetivo de transformação social, isso não apenas em discursos melodiosos ou rimados gritos de ordem.

Como disse no início, comecei esse texto pelo fim e gostaria de encerrá-lo lembrando ao presidente-metalúrgico que ainda existem muitos picaretas com anel de doutor, e, pedir a ele que leve Herbert Viana Be Ribeiro e João Barone para tocar lá no torto: “Luiz Inácio falou, luiz inácio avisou, são trezentos picaretas com anel de doutor...” Por Favor Presidente convidem os meninos até os jardins do Torto.... E, se possível, pelo menos peça ao bom baiano Valdir Pires para rever o contrato com a El-passo.

Doriedson Alves de Almeida

Mestrando em Educação e Informática – PPGE/UFES

